

**SOFRIMENTO COLETIVO E RESPONSABILIDADE INDIVIDUAL:  
O TRABALHO NA ERA NEOLIBERAL**

SCHOFFEN, R.; WENDLER, F.; CAMARGO, L; ARAÚJO, L.; RIOS, N.; OLIVEIRA, M.R.

## Resumo

## 1 Introdução

O capitalismo, em suas variadas formas históricas, moldou e molda profundamente as relações de trabalho, a subjetividade e as condições de vida dos indivíduos. Desde a crítica de Marx sobre a exploração e a alienação do trabalhador, as transformações do fordismo, até os novos moldes neoliberais, observam-se a intensificação da precarização laboral e do sofrimento psíquico. Nesse contexto, processo como a uberização é exemplo de como a lógica do lucro e da competitividade reorganiza o trabalho, naturalizando a informalidade e a vulnerabilidade. Em face ao exposto, este trabalho objetiva analisar criticamente as transformações do trabalho e da exploração laboral desde o capitalismo clássico até o neoliberalismo contemporâneo, destacando seus efeitos sobre a subjetividade e o sofrimento psíquico dos trabalhadores e refletindo sobre o papel da psicologia para com os indivíduos nesse contexto. O estudo, construído coletivamente pelas acadêmicas citadas, foi elaborado a partir de leituras e reflexões dos textos bases do autoestudo da unidade 3 do componente Psicologia Organizacional e Saúde Mental no Trabalho e de obras complementares publicadas e selecionadas a partir do conteúdo temático – seleção por conteúdo (Severino, 2018), constituindo um estudo bibliográfico de abordagem qualitativa.

## 2 Sofrimento coletivo e responsabilidade individual: o trabalho na era neoliberal

Marx (1985) enfatizou que o capital se estabelece numa relação de construção entre sujeitos e processos sociais em que se fazem presentes os elementos: humanidade, trabalho e sociedade. Sobre a produção desse capital Tonet (2016) dispõem ocorrer quando, de um lado, há o possuidor do produto do trabalho acumulado e, de outro, o que dispõe apenas de sua força de trabalho, resultando, fatalmente, em uma forma de sociabilidade essencialmente antagônica. De acordo com a teoria Marxista, o trabalho é uma necessidade intrínseca ao ser humano, pois ao produzir o trabalho, o homem modifica as coisas e cria sua cultura se utilizando de sua energia, numa relação de reciprocidade. Ao alterar o mundo exterior, vai realizando suas necessidades humanas básicas e determinando formas particulares de ser, agir, pensar e sentir, constituindo assim, sua subjetividade. Essa qualidade positiva do trabalho humano, no entanto, foi perdendo a condição de atividade vital perante as acentuadas transformações no modo de produção capitalista, o qual tem como premissa o lucro por meio da exploração do trabalhador. A

evolução do capitalismo fez a classe trabalhadora se inserir num processo de produção de sua vida ao mesmo tempo em que produz sua morte, em muitos casos, sem se dar conta disso. A ordem capitalista deu origem a um processo de alienação no qual o homem vive em função do produzir, mas o produto do seu trabalho se torna alheio ao próprio homem, o qual muitas vezes não terá o poder aquisitivo de adquirir o que ele mesmo produziu. Se estabelece assim, a relação capital, trabalho e alienação, numa sociedade que passa a ser formada por indivíduos cujos anseios e necessidades são balizados pelo próprio capitalismo (Marx, 1985). Marx e Engels (2005) trazem dois conceitos inerentes a ordem capitalista, sobre os quais não se aprofundará neste trabalho, mas vale lembrá-los: reificação<sup>3</sup> e alienação<sup>4</sup>; apresentam a relação existente entre esses dois processos, reforçando que, ao provocar o distanciamento entre o trabalhador e o fruto de seu labor, o processo de alienação reordena a relação entre o homem e a natureza, alterando as relações sociais entre as pessoas e o valor social e humano do trabalho. A alienação faz com que o indivíduo perca sua capacidade de subjetivação, vindo a se objetivar nas mercadorias produzidas por ele, mas em uma relação dada entre coisas, perdendo a capacidade de reconhecer o outro como humano (Marx, 1985). Neste sentido, Antunes (2018) traz para o debate a reestruturação do capitalismo global no século XXI, mas fortemente a partir da década de 1970, onde uma nova corrente ganha força: o neoliberalismo. Ainda mais cruel, o capitalismo neoliberal, confere novos contornos ao sistema ao priorizar a competitividade, a individualização e uma lógica mais agressiva de lucro. Neste contexto, surgem novas transformações do trabalho, novo proletariado, sobretudo, do setor de serviços, mas a precariedade e a reificação permanecem, e pior, se intensificam. Em um cenário de avanços tecnológicos e globalizados, os processos se tornaram mais penosos aos trabalhadores, os quais deixam de ser individuais e passaram a ser sociais, polivalentes, multifuncionais, complexos e muito mais céleres em seus ritmos e processos (Antunes, 2018). Antunes (2018) alude as várias tendências enfrentadas pelos trabalhadores devido a consolidação do neoliberalismo, sobretudo no Brasil. Observa que o novo modelo de trabalho marca uma ruptura com o padrão fordista, caracterizando-se pela flexibilização e precarização e dispõem que, no Brasil, o modelo achou campo fértil para sua implementação ao obter apoio de banqueiros, latifundiários e políticos corruptos. Ainda segundo o autor, o que veio a seguir foi uma verdadeira degradação das condições de trabalho e de vida dos trabalhadores, os quais testemunham, impotentes, reformulações de leis trabalhistas, decomposições de conquistas históricas e novas tendências de precarização em todos os setores, sem que as lideranças sindicais, enfraquecidas por políticas governamentais, consigam agir. Consonantes com Antunes (2018), Safatle *et al.* (2020) desvelam o sofrimento psíquico que essa nova ordem impõe aos trabalhadores. Corroboram

que o neoliberalismo cria um discurso de sucesso por meio do esforço e coloca o indivíduo como único responsável por seu destino, ao tempo que exaltam o empreendedorismo como símbolo de liberdade e sucesso. A noção de ser empreendedor de si mesmo, que aos olhos de muitos parece atraente, tira a atenção das desigualdades estruturais e transforma o sofrimento coletivo em questão individual, levando as pessoas a se culparem por fracassos originados nas condições sociais e econômicas desiguais criadas pelo próprio sistema. Os autores ressaltam ser preciso compreender que esse discurso neoliberal serve aos seus meandros, que buscam naturalizar a precarização do trabalho e enfraquecer a crítica às injustiças sociais, já que o fracasso passa a ser visto como falta de esforço individual (a ideia da meritocracia não é mera coincidência). Trata-se de algo delineado de forma que o neoliberalismo consiga manter sua lógica de competitividade e autogestão, enquanto camufla os mecanismos que sustentam a desigualdade e o sofrimento social. Sobre a autogestão, sobretudo do sofrimento psíquico, Safatle *et al.* (2020) dispõem que o sistema neoliberal, ao promover a ideia de que cada indivíduo deve ser um empreendedor de si mesmo, converte problemas sociais e estruturais em questões individuais, transformando a pressão econômica e a precariedade do trabalho em um fardo psicológico gerador de culpa, frustração, ansiedade e insegurança. No mesmo sentido Ribeiro (2024) dispõem que o neoliberalismo é uma forma radical do capitalismo e busca absolutizar o mercado financeiro, o qual, nessa lógica, se converte em meio, método e fim de todo comportamento humano, submetendo e subordinando as vidas das pessoas em sua totalidade: suas vivências, seus corpos e suas psiques – uma tragédia. Em seus relatos Ribeiro (2024) cita o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han, o qual defende que o regime neoliberal não emprega os indivíduos, mas sim as suas emoções, desejos, sentimentos e suas psiques, convertendo, não ao mero acaso, o trabalhador em empreendedor. No seu contexto, a agressão é conduzida contra o próprio indivíduo. Esta autoagressividade não transforma o explorado em revolucionário, mas em depressivo (Byung-Chul Han, 2014 *apud* Ribeiro, 2024). É o neoliberalismo intensificando sua lógica de autoexploração, de modulador da subjetividade humana e da responsabilização individual. Outro fenômeno que emerge no modelo econômico neoliberal é a uberização, um processo de reorganização e intensificação da informalidade do trabalho e da precarização, no qual o mercado de aplicativos se apropria produtivamente de condições socioeconômicas pré-existentes como a vulnerabilidade e a informalidade para estruturar novas formas de controle e exploração (Abílio, 2019). As autoras dispõem que na realidade latino-americana e principalmente brasileira, a informalidade estrutural é anterior à chegada das plataformas, e que assim, a uberização não criou, mas reorganizou e radicalizou antigas formas de exploração e a informalidade já existente, modificando profundamente a vida

das pessoas ao naturalizar a insegurança, a instabilidade e a perda de direitos como condições normais de trabalho. Abílio (2019) traz algumas formas de “trabalhos” uberizados e cita os motoboys e bike boys para desvelar como a cada dia a tecnologia reorganiza o trabalho de entregas, rebaixando ainda mais a remuneração, ampliando a precarização e impondo novas formas de subordinação. Ressalta que enquanto os motoboys sofrem com a perda de autonomia e a precarização de uma atividade antes reconhecida como profissão, os bikeboys representam a criação de uma nova categoria de trabalhadores, jovens, negros e periféricos, trabalhando sem quaisquer direitos, sob extrema precariedade e amplo controle algorítmico. André *et al.* (2019), comunga da ideia de Abílio (2019) e analisam a precarização laboral no contexto dos motoristas parceiros da Uber, revelando como o discurso de autonomia e empreendedorismo acoberta relações de subordinação e controle. Para os autores, embora a plataforma não estabeleça vínculos empregatícios formais, o monitoramento algorítmico, as avaliações constantes e a instabilidade dos rendimentos reproduzem formas clássicas de exploração. O estudo de André *et al.* (2019) evidenciam as contradições existentes entre a promessa de liberdade e a realidade de dependência vivida pelos trabalhadores, demonstrando que a uberização representa uma nova configuração do trabalho, ainda mais precário. Assim, assiste-se o modelo neoliberal e seus ditames se infiltrando nas relações sociais e subjetivas e transformando o modo como as pessoas vivenciam suas vidas e gerenciam o sofrimento psíquico, o qual, neste cenário, também passa a ser culpa e responsabilidade de cada um. O sofrimento é naturalizado e gerido por meio de discursos de autoajuda, coaching, medicalização e, muitas vezes, por práticas psicológicas que, salvo análises críticas, acabam servindo à lógica da adaptação do indivíduo ao sistema, em vez de questioná-lo. Nesse contexto, a psicologia assume um papel delicado pois precisa ajudar os indivíduos a se adequarem a algumas mudanças trazidas pela evolução da sociedade, sem perder a capacidade de entendimento da lógica do sistema que a molda. Desta forma, é necessário que o profissional da psicologia reconheça o sofrimento psíquico como um fenômeno coletivo, histórico e politicamente determinado, e que atue de forma a contribuir para desnaturalizar o sofrimento, promover a consciência crítica e fortalecer ações coletivas que visem maior a construção de relações de trabalho e sociais mais humanas, éticas e equitativas.

### 3 Considerações finais

As transformações causadas pelo capitalismo, desde o fordismo até o neoliberalismo contemporâneo, ratificam a intensificação da exploração do trabalhador e a precarização das condições de trabalho. O neoliberalismo, ao enfatizar a competitividade, a individualização e a lógica do empreendedor de si mesmo, ignora as desigualdades estruturais e transforma o sofrimento coletivo em responsabilidade individual, promovendo autoexploração e

adoecimento psíquico. A uberização, como manifestação moderna desse modelo, reorganiza antigas formas de informalidade e precariedade, impondo novas subordinações, especialmente sobre trabalhadores do setor de serviços e de classes mais fragilizadas, ao tempo que naturaliza a insegurança, a instabilidade, a perda de direitos e o sofrimento psíquico causado. Nesse contexto o psicólogo deve atuar de forma crítica, reconhecendo as causas sociais e estruturais do sofrimento psíquico. Sua função não pode ser de ajustamento do sujeito ao sistema, mas sim de promoção de questionamentos e transformação, ainda que pareça utópico, das condições que geram o adoecimento. Ao acolher o trabalhador e promover espaços de reflexão e solidariedade, a Psicologia assume um papel ético e político na defesa da saúde mental e da dignidade humana frente à lógica capitalista neoliberal.

E-mails – mateus.r@unoesc.edu.br; rschoffen@hotmail.com; luisaluly86@gmail.com.br; lauane.camargo@hotmail.com; Franlwendler1609@gmail.com;

#### REFERÊNCIAS

- ABÍLIO, L. C. Uberização: do empreendedorismo para o autogerenciamento subordinado. *Psicoperspectivas: Individuo y Sociedad*, Chile, v. 18, n. 3, p.1-11, 2019.
- ANDRÉ, R. G., DA SILVA, R. O., & NASCIMENTO, R. P. Precário não é, mas eu acho que é escravo: Análise do Trabalho dos Motoristas da Uber sob o Enfoque da Precarização. *Revista Eletrônica de Ciência Administrativa*, 18(1), 7-34, 2019.
- ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital**. São Paulo: Boitempo, 2018.
- MARX, Karl; ENGELS, Friederich. **Manifesto Comunista**. 1 ed. 4ª reimpressão. Osvaldo Coggiola (org.) São Paulo: Boitempo, 2005.
- MARX, Karl. **O Capital**. Livro I, vol. I. São Paulo: Abril Cultural, 1985.
- RIBEIRO, E. V. S. J. **Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder**. Portal FAJE, Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. 2024. Disponível em: <https://faculdadejesuita.edu.br/psicopolitica-o-neoliberalismo-e-as-novas-tecnicas-de-poder/>. Acesso em: 07 nov. 2025.
- SAFATLE, V.; SILVA Jr., N.; DUNKER, C. (Org.). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. São Paulo: Editora Autêntica, 2020.
- SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2018.
- TONET, Ivo. **Educação contra o capital**. 3 ed. Ampliada, São Paulo: Instituto Lukács, 2016.